

Reflexões sobre espelhos

LENNITA RUGGI

Nós o usamos todos os dias de nossas vidas. Ele é virtualmente invisível – ainda que universal e indispensável – parte da nossa cultura mundial. Sua função vai além dos comentários e direções pois seu uso não está escrito.¹

Esta citação na realidade se refere ao lápis. Mas pareceu bastante apropriada também para o espelho. De fato, hoje os espelhos são essenciais no nosso cotidiano. Eles estão por toda a parte. Em banheiros, elevadores, cabeleireiros, automóveis, salas de espera, máquinas fotográficas, clínicas de estética, provadores, vitrines, telescópios, penteadeiras, fachadas... São “universais e indispensáveis” para o modo de vida ocidental / capitalista / urbano / contemporâneo. Obviamente, existem lugares no mundo onde os espelhos (e os lápis) não estão presentes ou não têm importância. Mas tais lugares estão quantitativamente diminuindo, geográfica e culturalmente.

Neste sentido, questões sobre espelhos estão inseridas em uma problemática maior que é a da disseminação do estilo de vida ocidental. Fazem parte da história humana que leva Petroski a falar de uma “cultura mundial”, da qual o lápis (e o espelho) fazem parte. Neste sentido nenhum objeto tem preponderância. Além do lápis e do espelho, também o garfo, o papel higiênico, a revista, a geladeira, o sabonete ou o relógio são parte do que pode ser chamado de “cultura material” deste universo mais amplo que é a nossa vida. Mas não é por ser *objeto* ou *material* que qualquer destas coisas se explica sozinha. Elas estão envolvidas de significações, coerentes (ou não) com os propósitos sociais de produção e consumo.

O espelho se destaca, entre todos, por ser aquele que é, em sentido literal, “virtualmente invisível”: ele não tem uma imagem própria, reflete constantemente o que está a sua frente. Além disso, o modo predominante de utilização dos espelhos – “me ver” –

¹ PETROSKI, Henry. **The pencil: a history of design and circumstance**. New York, Alfred A. Knoff, 1990, contra capa (tradução livre).

parece especialmente revelador na medida em que está ligado de forma direta à auto-consciência. Com efeito, o ser humano carece deste (ou outro) meio técnico para ter acesso ao olhar que terceiros têm de si. A minha face é aquilo que está cronicamente ausente do meu campo de visão. Ao mesmo tempo, está cronicamente presente, na medida em que são as bochechas e a testa as fronteiras visíveis do movimento de meus olhos. Paradoxo bastante obscurecido pela cotidiana utilização dos espelhos.

A problemática dos espelhos, portanto, aborda também as formas de apropriação dos objetos e sua inserção no cotidiano dos sujeitos, o que é dizer com outras palavras que ele está cercado de significações. Mesmo que os espelhos estejam em Dublin tantos quanto na Cidade do Cabo, isto não quer dizer que eles tenham a mesma representação nos dois lugares. Mas pode-se afirmar, com margem de erro mínima, que em todos os continentes e hemisférios um número cada vez maior de pessoas têm parado na frente do espelho e olhado para si mesmas. Antigamente, só os muito ricos poderiam fazer isso. Na Europa do século XVII, possuir um espelho era prova de distinção.

Os espelhos tais como os conhecemos hoje só vieram a ser valorizados – sobrepujando a capacidade reflexiva dos de metal – quando tornou-se possível fabricar vidro com a transparência e uniformidade necessária, por volta de 1460. Até pelo menos 1662 esta técnica foi monopolizada pelos artesãos da Ilha de Murano, governada por Veneza. Os espelhos venezianos custavam uma fortuna, com molduras ricamente trabalhadas e cuja qualidade não era igualada por nenhum dos outros fabricantes de vidro em toda a Europa.

A arte veneziana da produção de vidros era difícil. Eram necessárias três gerações para fazer um mestre. Por necessidade, soprar o vidro era um negócio familiar, onde procedimentos de fabricação eram passados de pai para filho. Esta informação era ciumentamente guardada, e um grande segredo cercava o processo.²

² GOLDBERG, **The mirror and man**. Virginia, The University Press of Virginia, 1985, 138 (tradução livre).

Melchior-Bonnet³ afirma que, enquanto uma pintura de Raphael valia 3.000 libras, um espelho veneziano com moldura de prata era vendido por 8.000 libras. Em meio ao *frisson* especular que invadiu a França a partir do começo do século XVII, quantidades absurdas de dinheiro eram drenadas para fora do país com este comércio.

Em 1662 Colbert, o ministro das finanças, incentivado pelo rei Luís XIV, cancelou todos os privilégios de produção e iniciou uma empresa estatal para produção de vidros e espelhos. Para a fundação da “Companhia Real de Vidros e Espelhos”, Colbert pediu ao embaixador francês que “contrabandeasse” trabalhadores de Murano com promessas de grandes salários. Os tribunais venezianos eram bastante rígidos contra desertores, especialmente com aqueles que tinham o domínio da técnica que gerava tantos lucros. Os artesãos que aceitaram a oferta francesa fugiram durante a madrugada com destino à Paris em 1665.

Mas a instalação da fábrica de vidros e espelhos provou ser um empreendimento administrativo complicado. Os artesãos especializados se recusavam a cooperar com trabalhadores franceses ou ensinar seus procedimentos. O governo veneziano exercia pressão (com ameaças e promessas de anistia) para que eles retornassem à Murano. Os diretores faziam reiteradas concessões, abonos e comissões, ao que os venezianos se tornaram cada vez mais exigentes e intratáveis.

Apesar das dificuldades, as expectativas continuavam altas. Em 29 de abril de 1666, Luís XIV e diversos membros da corte fizeram uma visita às instalações da Companhia Real de Vidros e Espelhos. O que prova a importância do empreendimento. Apesar de todos os incentivos, em 1685 a sorte da Companhia ainda era incerta. Estava provado que vidros e espelhos tão bons quanto os italianos podiam ser feitos em Paris. Mas o custo era muito alto, a produção não era regular e sofria com a concorrência de competidores ilícitos e contrabandistas. Uma outra complicação surgiu de uma fonte inesperada. O marquês de

³ MELCHIOR-BONNET, *The Mirror: a history*. New York, Routledge, 2002, p.30.

Louvois, ministro de Luís XIV, passou a apoiar um competidor, que também se tornou subsidiário do tesouro estatal.

Em 1695, Luís XIV dissolveu e liquidou as duas companhias e fundou a “Manufacture Royale des Glasses de France”, com privilégio de trinta anos de monopólio. A partir de então o vidro passou a ser fabricado em Saint Gobain e processado em Paris. Somente por volta de 1700 o preço começou a ser competitivo com o de Veneza.

O que realmente proporcionou vantagem aos franceses e fez com que eles tomassem dos fabricantes de Murano a preponderância do mercado de vidros e espelhos foi uma inovação técnica. Em 1687 Bernard Perrot procedeu uma apresentação frente à Academia Francesa de Ciência sobre a possibilidade de moldar o vidro em uma mesa plana, como o metal. Até então, a única forma de manipulação da massa incandescente, meio líquida, meio sólida, tinha sido através da técnica de sopro. Soprando o vidro, o tamanho máximo obtido para um espelho não ultrapassava o diâmetro de um pires de chá com uma superfície esférica, proporcionando uma imagem distorcida – como o que aparece na pintura *O casamento de Giovanni Arnolfini*, de Jan Van Eyck. A técnica desenvolvida por Perrot passou a ser usada em Saint Gobain e em 1700 produziu-se uma folha de vidro de quase nove pés de altura e mais de três pés de comprimento.

A produção de espelhos demandava trabalhadores altamente treinados e capacitados. A mistura de sílica, óxido de sódio e cal para produção do vidro devia ser feita em uma vasilha especial para o calor e levada ao forno em uma temperatura constante. Tais “vasilhas” duravam no máximo três meses. O próprio forno possuía uma vida útil de sete ou oito meses, ao fim deste tempo tinha que ser recauchutado, o que levava mais seis meses. Cada uma destas tarefas demandava um mestre especialista e diversos aprendizes.

O trabalho com vidro não era totalmente previsível. Nem sempre ele saía perfeito. Manchas, sombras, elevações e defeitos eram constantes. Além disso, os procedimentos de polimento, fresamento e colocação da camada metálica eram feitos em Paris, agregando

mais um complicador: o transporte. Melchior-Bonnet⁴ narra uma viagem em que, de um carregamento de setenta e duas folhas de vidro, apenas doze chegaram intactas. Mas este deslocamento era, verdadeiramente, uma medida de proteção. O “espelhamento” era também uma etapa dispendiosa e complicada, demorando cerca de vinte e cinco dias para que o amálgama de mercúrio e estanho completasse o processo de estabilização química e se fixasse ao vidro.

Durante o ano de 1698 havia pelo menos 600 homens trabalhando diariamente nas instalações de Paris. Mas era a fábrica de Saint Gobain a mais cercada de cuidados. O regime de trabalho em Saint Gobain começava às cinco horas da manhã e terminava às sete da noite – com meia hora de descanso pela manhã, uma hora durante o almoço e mais meia hora à tarde. Bebidas alcoólicas eram proibidas e as portas dos dormitórios eram fechadas às 20 horas no inverno e às 22 horas no verão, ficando a chave com os diretores. Para deixar a fábrica era necessário pedir permissão por escrito com dois anos de antecedência. E os empregados eram proibidos de se afastar mais de uma légua de Saint Gobain.

A organização do trabalho em Saint Gobain era rigorosa por causa das indispensáveis restrições inerentes ao estado de arte da indústria. Os trabalhadores apreciavam vantagens e restrições ambas maiores do que trabalhadores em outras indústrias. Mas, no fim das contas, a situação do pessoal em Saint Gobain deve ter sido justamente invejada para a época, pois aplicações para trabalho nunca pararam de chegar, e o regime severo tinha suas vantagens, e não a última delas era segurança empregatícia⁵.

Um bom trabalhador poderia permanecer até trinta anos na mesma função. Os que ficassem doentes tinham direito a receber metade do seu salário, e ao longo dos anos foi instituída uma compensação financeira em caso de acidentes de trabalho com seqüelas. Os mais velhos continuavam com a posse de seus alojamentos e recebiam uma anuidade (aposentadoria) pelo resto da vida. Com estas e outras medidas, Saint Gobain é considerada pioneira em proteção social, em comparação com outras fábricas da época.

⁴ MELCHIOR-BONNET, 2002, p.30.

⁵ MELCHIOR-BONNET, 2002, p.68 (tradução livre).

Mas o verdadeiro pioneirismo de Saint Gobain foi utilizar a forma de produção industrial para fabricação de vidros e espelhos. Diversos outros locais de produção existiam,⁶ mas eram estabelecimentos relativamente pequenos: as ferramentas, técnicas de produção e distribuição eram dos donos-trabalhadores. Em *O Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels demonstram a importância histórica e social da mudança da manufatura para a indústria, com todos os decorrentes alienantes para os trabalhadores e a apropriação da mais-valia pelos patrões.⁷ E, paradoxalmente, os espelhos não teriam se banalizado (democratizado) caso seu preço não fosse barateado com a utilização do modo de produção industrializado (capitalista excludente). Segundo Melchior-Bonnet, por volta de 1734 os preços dos espelhos estão mais baixos. Uma unidade de 70x40 polegadas passou a custar 425 libras. Este valor equivalia ao salário anual de um trabalhador qualificado em Saint Gobain.

Norbert Elias⁸ argumenta que toda a dinâmica da sociedade de corte europeia dos séculos XVI e XVII se baseia em um “*ethos* estamental” no qual a auto-afirmação das camadas superiores opera segundo um “dever de ostentação”. O tamanho das casas e seu esplendor serviam não tanto para demonstração da riqueza, mas como expressão do nível social. Na sociedade de corte, “a coerção de representar o nível social é indispensável”.⁹

A vida dos cortesãos não é ganhar dinheiro – empreendimento que lhes era bastante dificultado pelas limitações morais e legais da nobreza – mas fazer parte da “boa sociedade” que se aglomera ao redor do Rei. Seu objetivo último é ser um “membro” da corte segundo os parâmetros estabelecidos pela própria corte. Sua existência é fundada, portanto, na opinião social.

A composição diferenciada do aspecto exterior como instrumento de diferenciação social, a representação do nível hierárquico pela forma, tudo isso caracteriza não só as casas, mas também a organização da vida da corte como um todo. A sensibilidade desses homens para as ligações entre o nível social e a configuração visual de tudo o que faz parte da sua esfera

⁶ Além de Murano, também na Bohemia, hoje Alemanha, e mesmo dentro da França (em Picardy, perto de Lion e Limoges) existiam manufaturas produtoras de vidros e espelhos.

⁷ ENGELS, F. MARX, K. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro, INEVERTA – Cooperativa dos trabalhadores em serviços editoriais e noticiosos, 1998.

⁸ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador – uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

⁹ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p.83.

de atuação, incluindo seus próprios movimentos, testemunha e expressa a situação social em que eles se encontravam.¹⁰

Os cortesãos tinham uma sensibilidade aguçada para posturas, gestos e fala pois estes eram modos de expressar a desigualdade das camadas sociais, assegurando sua superioridade. Assim, a disciplina para o convívio refinado em sociedade exigia o domínio da “arte de observar as pessoas” e a si mesmos. Se, como demonstra Elias, existe uma conexão entre a estrutura social e a estrutura da personalidade, não é de admirar que tenha sido exatamente neste contexto que os espelhos adquiriram seu caráter de indispensabilidade. Passaram a ser encontrados ornamentando salas e salões; se tornaram imprescindíveis nas *cabinet de toilette* (precursoras do “banheiro”); estavam sempre junto aos rapazes e, especialmente, moças da corte em pequenos espelhos portáteis, “de bolso”.

Procedendo uma pesquisa com base em inventários parisienses, Sabine Melchior-Bonnet afirma que antes do ano de 1630 (1581 até 1622) espelhos eram ainda bastante raros: estão presentes em apenas cinco casas num total de 248. Isto não se deve à ausência de posses materiais, uma vez que pinturas e tapeçarias constam em diversos inventários. “A presença de espelhos portanto não pode ser conectada apenas ao nível de recursos de uma pessoa, mas preferencialmente ao estilo de vida dela e à força de atração aos modelos aristocráticos”.¹¹ Nos vinte anos seguintes a presença de espelhos sofre uma inflação sem precedentes. Entre os anos 1638 e 1648, eles constam em dois de cada três dos 160 inventários pesquisados.

O gradual barateamento e a proliferação dos espelhos é concomitante à disseminação de um estilo de vida específico. Isto não deixa de ser a apropriação do argumento de E. P. Thompson com relação a outro objeto: “Na verdade (como seria de esperar), ocorria uma difusão geral de relógios portáteis e não-portáteis no exato momento em que a revolução industrial requeria maior sincronização do trabalho”.¹² Se o relógio foi

¹⁰ ELIAS, 2001, p.82.

¹¹ MELCHIOR-BONNET, 2002, p.29 (tradução livre).

¹² THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

um dos possibilitadores da padronização da noção de tempo, o espelho está relacionado, senão à padronização das aparências (que nunca se realiza), pelo menos à padronização da preocupação com ela.

A magia dos espelhos, segundo Umberto Eco, é possibilitar ver-nos como os outros nos vêem.¹³ Na terminologia de Sabine Melchior-Bonnet, a visualização dos reflexos oferece uma “geografia do corpo” que não tem paralelo com outro tipo de imagem.¹⁴ O auto-reconhecimento exige uma “modelação mental” de si próprio, ou seja, exige que a auto-imagem esteja internalizada. Narciso morreu, afinal de contas e a despeito de Freud, porque não conhecia a si mesmo. Muito mais do que um “estádio” universal do desenvolvimento psíquico¹⁵, a compreensão de que aquele reflexo “sou eu” é um aprendizado. Neste sentido, está impregnado de representações sociais e técnicas corporais compartilhadas não só entre eu mesma/o e meu reflexo, mas entre os outros que me cercam.

Espelhos têm um papel importante no modo como as meninas [norte-]americanas têm acessado suas próprias faces e figuras (...) Quando o espelho se tornou um demonstrativo da casa de classe-média americana no final do século XIX, a atenção para a acne dos adolescentes escalou, assim como as vendas de produtos para a face. Até então, espinhas eram primariamente uma experiência tátil, pelo menos para as meninas que as tinham. Mas tudo isso mudou no final dos anos de 1880 com a disseminação da adoção, nos lares de classe média, da pia do banheiro com água corrente e do espelho pendurado em cima dela.¹⁶

Se, na história recente do Ocidente, é verdadeiro o paulatino crescimento da importância das imagens¹⁷ e dos corpos¹⁸; se o projeto do “eu” passa a ser, para muitas pessoas, um *projeto do corpo*¹⁹; se as doenças psíquicas (anorexia e bulimia) são *sintomas da cultura*²⁰; se as *imagens da mídia* são motivo de ansiedade e descontentamento com o próprio corpo²¹, e se o mito da beleza expressa e possibilita formas de dominação²²

¹³ ECO, Umberto. *Sobre os espelhos*. In: ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, pp.11-37.

¹⁴ MELCHIOR-BONNET, 2002.

¹⁵ LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

¹⁶ BRUMBERG, Joan Jacobs. **The body project – an intimate history of american girls**. New York/Toronto, Random House, 1997, p.66-7 (tradução livre).

¹⁷ BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

¹⁸ SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo, Paulus, 2004.

¹⁹ BRUMBERG, 1997.

²⁰ TURNER, Bryan. **El cuerpo e la sociedad: exploraciones en teoria social**. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1989.

²¹ BORDO, Susan. *Never just pictures*. In: **Twilight Zones**. Berkley, University of Califórnia Press, 1999.

(especialmente desfavorável às mulheres) – todas estas dinâmicas dependem da mediação do espelho. Pois é essencialmente o espelho que permite a comparação entre minha imagem e a hierarquia de aparências socialmente estabelecida. O modo cotidiano de utilização dos espelhos reflete uma idéia de humanidade na qual ser é também aparecer. E é este argumento que sustenta a hipótese segundo a qual os espelhos se articulam com a constituição da subjetividade na Modernidade.

Lennita Ruggi

²² WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.